

## **Resenha crítica do livro: “Educação como Prática de Liberdade” de Paulo Freire**

---

*Rubenita Farias de Oliveira Souza*

*Raquel de Oliveira Araújo*

*Maria Ivanete Bezerra dos Santos*

*Maria Lúcia Serique Reis*

*Suélia Cardoso da Silva*

*Maria Rosângela de Almeida Aquino*

DOI: [10.47573/aya.5379.2.96.19](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.96.19)

O livro **“Educação Como Prática Da Liberdade”**, de Paulo Freire, 21ª Edição, publicado pela Editora Paz e Terra, com 130 páginas, de 1992, está estruturado por uma apresentação de Francisco C. Weffort, seguida de uma canção de Thiago de Mello, um pequeno agradecimento e esclarecimento. Na sequência contém quatro capítulos e apêndice.

Na apresentação deste livro denominada **“Educação e Política”**, a qual Francisco C. Weffort chama de ensaio, propõe algumas linhas mestras da visão global pedagógica e métodos de ensino de Freire. Este trabalho escrito depois da queda do governo Goulart, nos intervalos das prisões e concluído no exílio, apresenta reflexões e avaliações de seu autor, sobre o Método de Alfabetização de Adultos, contextualizando historicamente a realidade do indivíduo, com temas de significação sociológica e política.

As ideias expostas no livro destacam às dimensões teóricas e práticas do autor, iniciada no Nordeste, em 1962, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, com 300 trabalhadores rurais alfabetizados em 45 dias. Com isso, a aplicação do sistema se estendeu por todo o território nacional, sendo desenvolvidos entre junho de 1963 a março de 1964, cursos de capacitação de coordenadores a alguns milhares de jovens e estudantes em quase todas as capitais dos estados.

Com tal movimento em ascensão, o plano de 1964, seria à instalação urbana de 20.000 círculos de cultura para dois milhões de analfabetos, momento de idealização da educação popular e conscientização política, cultural e social das classes excluídas. O Golpe Militar, e de Estado, considerando a metodologia subversiva, reprimiu, interrompeu e desestruturou os trabalhos de maior esforço de democratização da cultura já realizada no Brasil. O ato de repressão rendeu a Freire 70 dias de detenção e depois foi exilado.

O apresentador da obra expõe que as fontes do pensamento do educador Paulo Freire têm a dialogação como existência de uma educação, como prática da liberdade, em seu modo de instauração histórica, associando a teoria e o fazer, como elementos de efetividade e eficácia, na medida da participação livre e crítica dos educandos. O autor prime pelo respeito à liberdade dos educandos de nunca serem chamados de analfabetos e sim de alfabetizandos. A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda a pedagogia moderna: “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” e que no saber democrático é impossível “dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como “absurda e imoral” a participação do povo no poder”.

Para Weffort a mais importante reflexão das ideias de Paulo Freire são propostas de desenvolvimento de políticas de caráter popular, na luta dos milhões de alfabetizandos do Brasil hoje e para as futuras gerações. A alfabetização merece destaque, diz ele, por ser o campo inicial do trabalho do autor. p. 14. A pedagogia de Paulo Freire é uma pedagogia para homens livres e o princípio essencial é que “a alfabetização e a conscientização jamais se separam”, porque “todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”. p. 14

No tópico intitulado **“Canção para os fonemas da alegria”**, Thiago de Mello mostra quão doce é para o educando enxergar o que não via. A palavra ti-jo-lo, por exemplo, contextualizada com o seu trabalho o fez descobrir que a palavra vive nas construções que ele mesmo ergueu.

Na terceira parte indicado como “**Esclarecimento**”, Paulo Freire indica que o seu esforço educativo não nasceu do acaso, mas devido às condições especiais da sociedade brasileira pela qual passava. Queria ele uma sociedade descolonizada, uma educação para a liberdade, por meio da auto-reflexão, em que o homem fosse uma opção para o amanhã, sujeito de sua história e não considerado “coisa”.

No primeiro capítulo “**A Sociedade Brasileira em Transição**”, Paulo Freire apresenta um panorama de graves problemas sociais, sua interpretação sobre as forças políticas na década de 1960, esclarece pressupostos filosóficos e objetivos de luta por uma educação libertária, que retire o homem da condição de dominação imposta e o faça sujeito de sua história. O Brasil, segundo Freire, vivia um tempo de trânsito de uma sociedade fechada, com alto índice de analfabetismo, onde predominava a dominação de uma elite privilegiada frente à chegada de uma sociedade aberta e democrática. O autor enxerga no homem uma relação com o mundo de forma transcendental, numa ordem de características que o distingue da esfera animal, por ser humano, mais que contato, mas de relações, por está no mundo e com o mundo. Tais relações, diz o texto, há uma nota presente de criticidade, pluralidade, de consequência, temporal e reflexiva.

Para Freire o caráter existencial ultrapassa viver porque transcender, discernir e dialogar são exclusividade do existir, que liberta o homem da unidimensionalidade, de espectador e interferir sobre a realidade, lançando-o num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. Entende Paulo Freire que a integração do homem ao seu contexto é resultante de estar nele e com ele, acrescida da possibilidade de criticidade, nota fundamental para ser homem Sujeito. Diferente da acomodação que em sua passividade daria margem apenas a uma débil ação defensiva.

No capítulo seguinte – “**Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática**” – são analisadas as raízes da sociedade brasileira. Freire faz um apanhado de resgate de momentos da história e características do Brasil, desde o período colonial. Ele revela a posição de inexperiência democrática e possíveis causas da incapacidade que a sociedade tem de entender e aplicar os princípios democráticos. Causas como a empreitada de exploração comercial da terra, por só visarem o lucro e não a de ficar nela e com ela. A posse do território se fez por meio de grandes fazendas, que favoreceu a cultura de “proteção” aos moradores desses domínios protegidos, tempo de mandonismo e paternalismo, sem dialogação ou integração, mas ajustamento.

A submissão do homem brasileiro sempre esmagado pelo poder, que não votava nem era votado, favoreceu uma sociedade autoritária, fechada e alicerçada na escravidão. Segundo Freire a vinda de Dom João VI para o Brasil, provocou alterações na estrutura social, com novas experiências no sentido democrático, como a criação de escolas, imprensa, biblioteca e ensino técnico, mas antagonicamente, reforçava as tradições verticalmente antidemocráticas, pois a força do poder estava na burguesia e nos doutores formados na Europa, que copiavam o modelo democrático europeu, sem levar em conta a inexperiência democrática e realidade social brasileira, além da preservação do trabalho escravo.

Após a rachadura do sistema fechado começa uma tentativa de participação popular, de emersão. Relata o autor que a democracia antes de ser uma forma política, é uma forma de vida, caracterizada pela transitividade de consciência no comportamento do homem, tendo de ser feita não apenas com o consentimento do povo, mas com suas próprias mãos. (p.88). Segundo Freire, as décadas de 20 e 30 receberam o grande impulso do surto industrial e a crescente ur-

banização, além de alterações que refletiram na vida nacional, como a cultura, artes, literatura, ciências e pesquisas.

A análise do terceiro capítulo – **“Educação “Versus” Massificação”** - feito por Freire é sobre a crítica à educação tradicional em relação às práticas pedagógicas nas escolas da época. Diz o autor que o educador brasileiro deve ter a preocupação de atuar com vistas à educação crítica, em constante diálogo, contribuindo e lutando pela aprendizagem da democracia, com a própria existência desta.

A luz da pedagogia Paulo Freire busca respostas na crença de uma educação mais consciente de sua transitividade, uma escola que se distanciasse dos modelos estrangeiros, do verbalismo, sem arbitrariedade e inovadora. Uma educação voltada para a pesquisa e debates sociais, abandonando a consciência ingênua. Freire insiste em dizer que o grande desafio brasileiro além da superação do analfabetismo seria a superação da inexperiência democrática, mesmo porque as influências renovadoras do cinema, caminhão, avião, televisão e rádio se associavam as percepções populares. O autor enfatiza a importância da educação integral, na formação do trabalhador técnico e profissional, fazendo menção do Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB - e o da Universidade de Brasília, como dois empenhos importantes da educação, ambos frustrados pelo Golpe Militar.

No quarto e último capítulo – **“Educação e Conscientização”** – A oralidade de Paulo Freire expressa a sua preocupação com os déficits quantitativos e qualitativos da educação brasileira e a multiplicidade de analfabetos e crianças sem escolas. Sintetiza o método de educação popular, uma formação de qualidade que o golpe militar impediu sua continuidade, o de ser implementado vinte mil círculos de Cultura em todo o país. Baseado em seu método, Paulo Freire propôs uma educação ativa, crítica, participante e dialogal, afirmando que só por meio da educação o homem reconhece a liberdade e igualdade em todas as áreas da sua vida com participação no governo por ser sujeito criador.

Analisa Paulo Freire cinco fases de elaboração e execução de seu método destacando a participação dos adultos na construção do ensino em seu próprio alfabetizar.

No apêndice do livro são apresentadas dez situações existenciais e os diversos momentos do processo da alfabetização de adultos. Registra o autor 17 palavras geradoras, de uso comum na linguagem do povo, carregadas de experiências vividas, escolhidas, pesquisadas e aplicadas no Estado do Rio de Janeiro.

O livro: **“Educação como Prática da Liberdade”** reflete as ideias e importância de Paulo Freire para a época passada e presente, pois se faz necessário dar continuidade às elaborações das suas propostas do “Método” de alfabetização de adultos. Além de expressar o seu estilo pedagógico Freire faz o homem entender que nasceu livre e pode lutar por mudança à medida que encarna a educação como forma de liberdade democrática.

Neste sentido, **“acreditar”** é a palavra geradora que deve permear o homem e a sociedade, a superar uma consciência ingênua, gerando criticidade, dialogando a partir da reflexão social, criando e recriando ideias no mundo com o mundo. O livro é indicado para todos que buscam entender o papel da educação como agente de transformação social. Paulo Freire oferece toda a sua experiência como homem e educador que vê e sente na educação a conscientização do homem como sujeito de sua própria história, porque educação é antes de tudo “um ato de

amor”.

## REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 21ª Edição, 1992.